



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO ■ Director: ANTONIO GOMES ROCHA ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRÁFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

## A União faz a Fôrça

Para que uma povoação, pequena ou grande, possa progredir, é indispensável que os seus filhos, os seus seus habitantes se unam e congreguem os seus esforços para reclamar os melhoramentos absolutamente necessários e que se impõem como urgentes.

Eleja-se uma comissão defensora dos interesses da freguesia da Ajuda, que represente a vontade da maioria dos seus habitantes, e essa comissão, fortalecida pelo apoio dos seus concidadãos, orientará os trabalhos a realizar para a conquista do melhoramentos e regalias de que carece este populoso bairro de Lisboa.

«O Comércio da Ajuda» será o porta-voz e o incançavel defensor de todas as petições que tenham o objectivo de engrandecer e desenvolver esta antiga freguesia de tão nobres tradições.

Ninguém ignora a importancia da imprensa, e por isso, importante será o papel deste jornal ao serviço de tão justas reclamações.

Já o dizia Gustave Le Bon, «hoje, a influência dos jorna-s é muito superior á dos livros».

Nenhum Governo, aprecia o mesmo escritôr, desconhece a fôrça soberana da imprensa, o sonho de cada politico é de possuir um jornal...

Aproveitemos pois a acção de «O Comércio da Ajuda» não só como um grande paladino da nossa causa, mas também como um traço de união entre todos aqueles que estão dispostos a consagrar um pouco do seu esforço em prol da realisação prática das nossas velhas aspirações.

Entre os muitos problemas que necessitam de rápida solução, ha dois que, a nosso vêr, merecem especial atenção.

O problema das águas e depois o da habitação.

A Ajuda é dos bairros que mais tem sofrido com a falta de água, e este ano ainda mais essa falta se vai sentir, não só pelo alargamento das canalisações que se estenderam a novos arruamentos, como também pela grande seca.

O unico remedio para atenuar este grande mal, é insistir junto das entidades oficiais para que no mais curto praso de tempo se faça um novo contracto das águas, em que fiquem salvaguardados os legitimos interesses do povo consumidor e especialmente das classes pobres.

Só quando for assinado um novo contracto, terminará a falta de água, elemento absolutamente preciso á saude e á higiene.

O problema da habitação poderia ser resolvido em parte, se a Camara estivesse disposta a concluir, com rapidez, o bairro da Ajuda, cujas casas se vão deteriorando, com o abandono em que se encontram e com a perniciosa acção do tempo.

E depois de conseguir-mos a efectivação destes dois assuntos de tão alta importancia, e de tão fácil realisação por parte das estações oficiais, passaremos a outros problemas que também merecem a nossa carinhosa atenção.

J. L.

## A GUERRA

(Recitativa)

A Guerra, é horrivel!!!  
Não se apaga da memória,  
A lembrança é bem sensivel  
Da derrota ou da vitória.

Supremo momento... terrivel!!!  
A decisão da Glória.

Sangrenta carnificina!  
Horrôr de mortandade,  
Da metralha assassina  
Creada p'la humanidade.

Rasgam céus. Artilharia,  
Morteiros e aviões,  
Sedentos dia a dia  
Do batêr dos corações.

E no frágil parapeito,  
Que o fogo, e ferro destroe,  
Assim expõe o seu peito  
O Soldado, o «Grande Heroi».

PEREIRA GIL.

O nosso modesto quinzenário sente-se honrado bastante em publicar nas suas colunas os versos de Pereira Gil, valoroso combatente da Grande Guerra, distinto poeta e jornalista :

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a titulo de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificades da verdade, que o seu proprietário agradece

# A FAVORITA DA AJUDA

DE

## António Dias

147, Calçada da Ajuda, 149-LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas

☀ GÊNEROS DE MERCEARIA ☀  
☀ DE PRIMEIRA QUALIDADE ☀

LOUÇAS DE ESMALTE E VIDROS

Vinhos recebidos directamente de Arruda

### UMA CRÓNICA

## Sanha intolerante

Admite-se que a indumentária sirva aos cretinos para avaliar erroneamente o grau social do observado, mas não se concebe que uma pessoa culta, pela simples inspecção dum revestimento exterior se pronuncie sobre a capacidade moral de quem se apresenta pobre, andrajoso e de humilde compostura.

Casos ha em que a magnanimidade dum alma pura e elevada se abriga no débil arcaboço dum mísero mortal, e, de modo inverso um elegante, de porte distinto e finas maneiras cativantes pode albergar em si a mais objecta alma de traficante torpe e ignobil.

Estes considerandos aqui expendidos, evidentemente que foram gerados por qualquer caso conhecido.

De facto, na observação real de motivos opostos mas de acções quasi simultâneas, tirei, sem fantasias, o assunto para a crónica de hoje.

Num dos mais sobêrbos templos da nossa capital, celebravam-se com grandeza litúrgica e repleto de fieis as cerimónias de Quinta-feira Maior, rememorando aos crentes as angustiosas passagens da tragédia do Calvário. Do púlpito, implorando a clemência divina para as fraquezas humanas que ia enumerando, um clérigo ou-sava tambem impetrar num hipócrita rasgo de falsa clemência, a piedade de Deus Todo Poderoso para as cobardias da imprensa não católica, demonstrando assim que a cegueira da sua intolerância religiosa lhe ofuscava o espírito onde apenas deveria brilhar o sagrado motivo da Paixão de Jesus Cristo.

De pouca apreciável dicção acentuava contudo prodigiosamente as palavras a realçar, que imensos difusores dispersos pelas naves laterais reproduziam simultaneamente amplificadas, como que a compensar o pouco recolhimento espiritual dos assistentes, para mais prejudicado com o constante movimento, não regulado, de novos fieis, ou antes visitantes ao templo em referência.

Precisamente nessa ocasião, quando eu em solilóquio me interrogava sobre qual o propósito havido em mesclar na evocação sublime do Martir de Gólgota, estas materiais discordâncias terrenas, deveras afastadas dêsse Simbolo Máximo da grandeza espiritual, distraiu-me as cogitações a voz imperiosa dum reverendo que ordenava secamente a um guarda da segurança pública, apontando-lhe um individuo de aspecto miseravel que se dispunha a entrar na igreja, cumprindo o que a vontade lhe determinára:

— Não consinta que passe, está muito mal arranjado!

E o guarda, homem consciencioso que no corredor da sacristia onde nos encontravamos recebera esta ordem, numa compassiva demonstração de grande beleza moral e deturpando piedosamente a ordem recebida, limitou-se

a aconselhar ao mísero pária que se encostasse á parede onde eu me arrumára voluntariamente, alegando que pela aglomeração de povo havia dificuldade no ingresso ao transepto, ponto da igreja onde se ouvia directamente o sacro orador.

Respeitando a ordem que o representante da autoridade lhe dera, o homenzinho que a acolhera serêno, humilde e sem a menor subversão, olhava contudo tristemente a passagem que lhe fôra vedada e via ingressar por ela muitos e muitos devotos.

No seu olhar brando, talvez mesmo meigo como o de uma criança submissa que não atinge o motivo porque a castigam, li-lhe então não sei que amargura indefenida que me encheu de bem marcada compaixão.

E... neste momento, alterando-se a quietude mantida pelo respeito devido aos officios divinos, movimentava-se a onda imensa do povo, distribuida pelas naves da igreja, olhando interrogatoriamente o ponto onde alguém ousara ereticamente profanar o local com a prática degradante dum latrocínio.

E êsse alguém que tivera livre acesso ao corpo principal da igreja e cometera a infâmia dum furto, era, por irrisão, um homem vestido quasi com elegância, de aparência correcta e maneiras desenvoltas, que poderia ter passado livremente pelo ponto onde eu estava, sem suscitar apreensivas dúvidas ao cauteloso reverendo, que pela indumentária tam mal avaliava o quilate das almas, como se a expressão dum rôsto não fôsse mais segura apreciação dum carácter do que as roupas a garantia da probidade.

*Alexandre Settas.*

No dia seguinte os jornais noticiavam que no templo de S. Domingos fôra apanhado em flagrante delicto de roubo um reincidente no crime, conhecido pelo apodo de «O Olho de Boi». — A. S.

\*\*\*\*\*

### Cabines telefónicas

Um dos nossos camaradas de redacção, tendo necessidade de, na baixa transmitir com urgencia, um recado para a nossa Freguesia, procurou utilizar-se da cabine telefónica 6089, situada junto do ascensor de S. Justa, (Rua do Ouro).

Cumprindo á risca as instrucções, esperou, esperou, tornou e esperar, meteu mais uma moeda de 50 cents. (a 2.<sup>a</sup>), e... e teve de desistir de falar, porque as meninas dos telefones tinham a corda partida.

Este caso passou-se no dia 3 do corrente, entre as 17 e as 18 horas.

Um dos nossos presados colaboradores, também meteu \$50. na caixinha de uma outra cabine e... o resultado foi o mesmo, para variar.

Tomamos a liberdade de lembrar á Companhia dos Telefones a conveniência de mandar inspecionar de vez em quando, êsses aparelhos, a que o povo já se habituou a designar por «mealheiros».

## Libânio dos Santos

VINHOS E SEUS DERIVADOS RECEBIDOS DIRETAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 - - - LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

## ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda, e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

### VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 4 horas da tarde  
PEDRO DE FAR A - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA - 4.<sup>as</sup> feiras ás 9 h JULIO CARVALHO - 3.<sup>as</sup> feiras ás 9 h.  
FRANCISCO DE ALMEIDA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telefone B. 456

## Manoel António Rodrigues

COM

### VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 - LISBOA

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda) - LISBOA - Telef. B. 552

## Adelino Julio Eleuterio

CANTEIRO

Jazigos-Ossários-Campas

Cantarias para obras, mármore nacionais e estrangeiros para moveis, balcões, xadrez e frentes para estabelecimentos, etc.

Oficina: JUNTO AO CEMITÉRIO DA AJUDA

(Á parte de cima) - LISBOA

## Casa do Povo da Ajuda

DE

LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 - LISBOA

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE

AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## ESPREITANDO...

Observo a vida que passa, espreitando por um certinado da minha janela.

Essa situação em que passo grande tempo da minha vida, é-me bastante vantajosa, pois evita o distrair-me com discussões, que devido ao meu temperamento, me conduzem sempre a uma errada explanação da apreciação que faço de qualquer exame.

Mas a que vem o que acabo de escrever?

Que facto me obriga a revelar um segredo que ha muito tão avaramente guardava?

Que se passou nesta «Estrada da Vida» para que viesse público e raso mostrar-me tal qual sou?

Essas três perguntas vão ter resposta, e ela é endeçada áqueles que no calôr de uma apreciação filosófica da vida, afirmaram que a Sociedade é má e egoista no máximo.

Tenho mesmo pena de não ter a inteligência e cultura necessárias para a luta a estabelecer com os que tão superficialmente apreciam os outros.

Assim, não querendo impôr o meu ponto de vista, eu direi a um dêsses que julgam má a Sociedade pelos actos praticados individualmente, o seguinte:

Apreciou o meu amigo a Sociedade nesses termos, porque individualmente se praticaram actos contrários a vontade dos restantes componentes dela, e atentatórios dos princípios da bondade que norteiam a mesma, os quais se tornaram notados exactamente por esse facto, pois que se não fôssem contrários aos seus princípios, eles não seriam apreciados, além de que todos foram praticados como consequência de defesa da vida e naturalmente impulsionados por uma força superior que obriga os individuos a caminharem em sentido inverso ao que deviam seguir.

Daí a julgar tão severamente a Sociedade vai uma grande distancia, sendo muito conveniente que os nossos vindouros não nos possam assacar a responsabilidade de termos concorrido para a destruição de uma civilização.

Assim, alto e em bom som proclamo, sem receio de desmentido, que a Sociedade que me consente no seu meio, é tão boa que generosamente me ampára, protege e abriga contra a maldade.

Eis a resposta a esse pessimista impertinente e a todos que seguem a sua opinião.

V. P. A. S.

\*\*\*\*\*

## Salão Portugal

O proprietário deste belo Salão cinematográfico tem sido muito feliz na escolha dos filmes a apresentar, não se poupando a despêzas para que o publico fique satisfeito.

No próximo numero iniciaremos uma secção de critica dos vários filmes passados e a passar no «ecran» desta importante casa de espectáculos. Por enquanto limitamos a felicitar o sr. Nicolau Verissimo pelo gosto artistico com que dirige e orienta o seu bom Salão Portugal.

## Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia - Forjas - Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

R. D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE BELEM 207

## ALFAIATARIA AJUDENSE

DE  
MANOEL PINTO ESTERRO

Calçada da Ajuda, 127 LISBOA - Telefone B. 184

O proprietário desta Alaiataria, no bemérito intuito de facilitar ás classes pobres a aquisição de bons fatos, sobretudoos e gabardines, previne o Público de que resolveu vender todo o seu vasto stock de optimas fazendas nacionais e estrangeiras, pelo preço da fábrica, e algumas, até, mais baratas que o preço do custo. Deve, pois o Público aproveitar esta excepcional ocasião de adquirir bons fatos, sobretudoos e gabardines.

## A AJUDA

## de outros tempos

Ha individuos, familias e até mesmo povoações que um destino fatal arrasta inexoravelmente para a abjecção e para o crime. Ao contrario, existem pessoas e familias de quem a virtude é apanágio tradicional e constante, e povoados onde se respira um ambiente de tal modo refractário á maldade, que entre os seus habitantes, aparte os insignificantes delictos tão próprios da imperfeição humana, raramente se regista um desses crimes emocionantes, cuja prática revolta as consciências bem formadas e provoca a justiça severa dos tribunais.

Neste caso está a freguesia da Ajuda. Na sua população de outrora, mescla de palacianos, artífices e homens do mar, reinou sempre uma apreciavel concórdia, uma atmosfera de amistosa confraternidade. Mais tarde, pela colocação de alguns regimentos em quartéis próximos, grande número de militares aqui fixaram residência. E sempre á atitude de respeito e compostura dos modestos e humildes correspondeu bizarramente a delicadeza e fino trato das classes mais elevadas.

Hoje a população desta freguesia compõe-se, na maior parte, de familias de gente pobre e trabalhadora, que nas oficinas do sitio, ou nas da parte central da cidade, ganha honestamente o pão de cada dia. E a tranquilidade do bairro pacato raras vezes é interrompida por desordens ou perturbada por conflitos, frequentes noutros bairros da capital.

Temos a convicção de que para este ambiente de paz muito contribue o bom ar que se respira na altitude em que a Ajuda está situada, e que os seus habitantes, a despeito da antiguidade e defeituosa construção de muitos das casas que lhes servem de moradia, recebem nesse ar uma salutar influencia que lhes beneficia o corpo e lhes depura as almas, como não acontece nas

escuras vielas e alfurjas de Alfama e da Mouraria, onde tudo é mofítico e próprio para atrofiar o fisico e o moral dos seus moradores.

Não esqueçamos, porém, que na noite de 3 de Setembro de 1758, a Ajuda foi teatro dum crime praticado em condições misteriosas, e de que ainda hoje, apesar de tudo quanto se tem escrito e investigado, a verdadeira causa não está definitivamente esclarecida.

De *crime monstruoso* o classificaram nesse tempo, por atingir a *sagrada* pessoa do rei, supremo poder do reino; *sacrilégio* alguns lhe chamaram, porque, sendo o monarca a mais alta personificação da autoridade absoluta, exercia essa missão por *direito divino*!

O certo é que, ao voltar alta noite dum aventura amorosa, unicamente acompanhado pelo seu guardacostas Pedro Teixeira, cujo nome ainda hoje se encontra ligado a um casal para lá do palácio régio, D. José foi atacado a tiro, precisamente no lugar onde três anos depois se lançou a primeira pedra para a edificação da igreja do Livramento e S. José, vulgarmente chamada da Memória, erigida para lembrança daquele acontecimento em que o rei por bem pouco não perdeu a vida.

Sentia-se humilhada a nobreza pela politica enérgica do Marquês de Pombal, que lhe cerceava os privilegios, e daí certamente provinha o ódio que os fidalgos votavam ao ministro.

Mas pretenderiam os atacantes eliminar o rei, na esperança, aliás hipotética, de por morte do monarca verem o Marquês escoraçado do poder? Ou os tiros teriam por objectivo o próprio valido, o que pode supor-se, visto que D. José, tinha aproveitado para a sua digressão nocturna a carruagem do Marquês, talvez receoso de que a sua saída do paço causasse escândalo, por estar a corte de nojo havia poucos dias?

E' este um ponto obscuro. A morte do Marquês levaria ao fim desejado, sem ter a gravidade dum crime de lesa-majestade.

Por outro lado, atendendo a que um dos supostos criminosos era o marido da dama que o rei vinha de

Farmácia  
SOSA

C. da da, 170

Tele B. 329

Contas  
meas  
dias

pelos Srs.

Carr Xavier  
ásorasMede Sousa  
ásorasigo  
noro ás  
sefeiras

## A. P. BETTENCOURT &amp; SEABRA, L. DA

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18  
AJUDA - LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como:  
livros á antiga, amador  
e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

cortejar, não haveria no atentado o intuito de desafronta pelo ultrage feito á honra de uma familia nobre?

Para justificar o recolhimento forçado de D. José, espalhou-se o boato de que estava ferido em consequência dum queda, e só três meses depois se tornou publico o atentado e foram pr sos os indigitados criminosos. Houve tempo bastante para urdir a famosa teia em que o Duque de Aveiro, os Távoras e alguns plebeus se viram fatalmente enredados.

Fosse como fosse, o Marquês de Pombal aproveitou habilmente a oportunidade para dar um golpe de morte na fidalguia desdenhosa, que o tratava por *Sr. Sebastião José*, e para colocar em foco a Companhia de Jesus, que, segundo também se afirmava instigára os acusados á prática do delicto.

Em face da tenlência igualitária das teorias sociais dos nossos dias, esse atentado, que encheu de terrôr o país d m extremo ao outro, não passaria quasi dum crime comum. Naquele tempo deu lugar a um processo tenebroso, em que se garantiam prémios aos delatores, as inquiriçoes se faziam por meio de ignóbeis torturas, e em que se lavrou a mais dura e implacável sentença.

O nosso coração confrange-se de dór ao recordar a tremenda carnificina que foi a execução desses criminosos e pseudo-criminosos, ao imaginar a concentrada amargura da altiva Marquês que, sem um movimento de desânimo ofereceu o pescoço ao ferro do carrasco, e parecendo-nos ouvir ainda os gritos alucinados dos plebeus ao sucumbirem carbonizados pelas chamas ateadas por infames executores.

A punição foi um crime maior, mais atroz do que o próprio crime que a provocou. E causa lástima que o grande Marquês, o estadista de mão firme e visão clara que honrou a época em que viveu e deixou na sua passagem pelo poder um rasto luminoso, ficasse responsável perante a história por tão grande atrocidade.

Para o templo da Memória, magestoso e elegante nas suas linhas architectónicas, ergue-se maravilhado o nosso o.h.a.r., embora nos recorde o crime; da coluna levantada

no sitio onde existiu o palácio do Duque de Aveiro, próximo do Largo do Chafariz de Belém, e a que deram o nome de Chão Salgado, desviamos ainda hoje os olhos num movimento de instintivo terror, pcr nos trazer á lembrança a horrorosa chacina dos supliciados.

Lancemos um véu sobre esses trágicos acontecimentos que, todavia, não invalidam a nossa anterior afirmação de que o bairro da Ajuda é sitio de boa gente. Números factos o atestam.

De entre as pessoas mais antigas da freguesia algumas se recordarão ainda da acção benemérita exercida pela Irmandade da Senhora das Dôres e Caridade, erecta na sua capela da Rua do Embaixador.

Naquele tempo não existia, como hoje, um organismo oficial de assistência aos desamparados, e por isso só da iniciativa particular podiam eles esperar auxilio e socorro.

Os irmãos da irmandade a que nos referimos, quasi todas as noites envergavam as suas opas, e á luz de archotes, porque a iluminação pública era escassa, percorriam as ruas de Belém e Ajuda, cantando o *Bemdito* e pedindo esmola para os enfermos pobres.

E era vêr como os moradores, comovidos pelo gesto piedoso daquele punhado de homens de boa vontade, assomavam ás janelas e lançavam nas bandejas as moedas de cobre que iam minorar as agruras dos infelizes ou dar a saúde aos doentes.

Grande era a colheita, mas ainda maior a prova de generosidade que movia os corações dos pedintes e dos dadores.

Se, de facto, ainda ha quem se lembre do que acabamos de contar, é possível que também na memória conserve ainda o nome das senhoras Souzeis.

Eram duas senhoras distintas pela educação e virtudes. Descendentes de familia nobre, os azares da sorte pouco a pouco as haviam lançado numa pobreza desoladora. Enquanto tiveram que vender — jóias, móveis, vestidos — tudo venderam para ocorrer ás necessidades inadiáveis da vida. Até que um dia, esgotados todos os recursos, as oprimiu a mais atroz miséria. Dos seus

## UM CONTO POR QUINZENA

## Amôr de Mãe

Por ANTÓNIO GOMES ROCHA

— Se não podes evitar a tua ida sem prejudicar outro camarada, vai meu querido filhinho, e que sejas muito feliz. Eu ficarei pedindo a Deus por ti.

— Minha querida mãezinha, sou obrigado a ir. E' o dever que me impõe essa marcha. Sou novo e por forma alguma quero que me chamem covarde. Se eu der parte de doente, não vou, mas iré em meu lugar, um outro camarada, talvez com mulher e filhos e a quem fará maior diferença.

— Então vai, meu querido filhinho, e que Deus te proteja. Lembra-te sempre de tua mãe, que embora siuta

retalhar-se-lhe o coração com a tua ausência, não sentiria que desonrasses a tua farda.

Alberto abraçou sua pobre mãe, dizendo-lhe:

— Adeus minha querida mãezinha. Até breve. Diz-me o coração que voltarei e que a encontrarei com muita saúde.

Marta, estreitando de encontro ao peito o filho estremecido, um pedaço da sua alma, beijou-o muito dizendo-lhe entre lágrimas e soluços:

— Vae meu querido filhinho, e oxalá que em breve possam regressar a Portugal todos os filhos da nossa Pátria.

Horas depois Alberto embarcava com os seus camaradas no transporte C...

Era um lindo domingo de verão. Maio, mês das flores. O Sol, o astro-rei, fazia dardejear seus raios brilhantes sobre as fardas modestas, mas muito honradas, dos também modestos Soldados de Portugal, que nêsse dia marchavam para o cumprimento do Dever.

Ao cair da tarde, mais um grande contingente de tropas portuguezas seguia mar fóra em direcção a terras de França.

Trincheiras de Portugal!

Enterrados nessas horribeis trincheiras, os Soldados de Portugal, sentiam os horrores da guerra, sem um ai de desalento, nem uma palavra aggressiva. Era preciso defender a Liberdade dos Povos, era preciso mostrar que Portugal não tinha morrido, como muitas aves agoirentas espalhavam aos quatro ventos; e portanto eles, os eternos sacrificados, de quem o governo não se lembrava já, cumpriam o seu dever com brio, honra e gallardia. A

guerra corria mal. Osões procuravam romper a forte e bem disciplinada linha dos aliados, com o fim de alcançarem o mar e regressarem aqui e ali, e sempre o mesmo resultado.

Na manhã trágica de Abril de 1918, eles, os bárbaros, numa offensiva favel de 10 contra 1, procuraram abrir brecha no senpado pelos lusitanos, que embora exaustos e comidões desfalecidissimas em pessoal, deram sobejas de heroismo.

Ganharam terreno, tiraram occupar parte da terra sagrada á guarda dos seus, mas á custa de muitos mortos, e depois de um exaustivo. Eles supunham que o Soldado Portuguez seria som resistência, mas enganaram-se, tendo cado pela frente um inimigo respeitável, que só se erou vencido, quando acabadas as munições e desidas todas as condições de defesa.

Alberto, então chef de grupo de metralhadoras, portou-se como um valente depois de muito ferido e perdidos os sentidos, as mãos dos alemães.

Marta ficou como quando leu o nome do seu querido filho na relação desaparecidos. Viuva, vivendo de uma simples que lhe ficou de seu marido, ela que no mundo só o seu Alberto, implorou a Deus que a matasse, para que se estava sósinha no mundo? Viver para nada mais esperava desta vida?

Um dia quando estavando a Deus, sentiu bater muito apressadamente.

A pobre velhinha, tremula, perguntou quem batia.

— Abra, minha querida mãe. Sou eu, o seu Alberto. Marta, abriu a porta, e ao deparar com o seu querido filhinho, abriu bem os olhos e caiu sem sentidos. A commoção fóra grande, muito grande para uma mãe.

Ao recuperar os sentidos, beijou loucamente o seu Alberto, exclamando:

— Isto é por certo um sonho. O meu querido Alberto, que eu fazia morto.

Alberto vinha mutilado de um braço, e trazia sobre a farda a Cruz de Guerra. Estivera entre a vida e a morte no cativoiro, motivo porque não pudera dar a sua identidade.

Mosteiro da Batalha. De joelhos junto da lapide que cobre o heroi da Africa e o valente da França, e que simbolisam o Esforço da Raça, ali sepultados na véspera, Alberto e Marta fazem a sua prece muito fervorosa e sincera. Marta, chora copiosamente, abraçada a seu querido filho.

A sentinela que á porta dessa sublime Sala do Capitulo presta a homenagem de Portugal aos seus heróis, comovida com lágrimas tão sentidas, aproximou-se de Marta, e perguntou-lhe:

— Morreu-lhe alguém na Guerra, minha senhora?

Marta olhou com carinho para esse pobre e bom soldado, respondendo-lhe:

— Não meu bom amigo. Tive a felicidade de vêr voltar este meu querido filhinho. Choro porque amando como amo este filho querido, posso avaliar a grande dór de todas as mães que tiveram a desdita de perder os seus filhinhos na Guerra.

O pobre soldado ao ouvir estas palavras tão sinceras,

levou o seu lenço aos olhos. Então Marta surpreendida com esse gesto, perguntou-lhe também porque chorava, obtendo como resposta:

— Deixe-me chorar, minha senhora... porque sou um infeliz. Nunca conheci minha mãe, que morreu quando me deu á luz.

Quando minutos depois Marta amparada por Alberto, saia dessa sala, o pobre soldadito que ainda se encontrava de sentinela, disse para um seu camarada que perto estava:

— Ali vae uma mulher que me fez chorar. Falou-me ao coração. E' mais uma mãe, e bem sincera do nosso querido Soldado Desconhecido. Deu-me vontade de lhe beijar as mãos já que nunca pude beijar as de minha mãe.

O outro soldado deveras enternecido com essas palavras retorquiu-lhe:

— Que queres tu, meu amigo! Quando a mulher é Mãe e Portuguezsa, não ha quem a eguale.

## Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Rua das Mercês, 118 a 128

AJUDA - LISBOA

## Favorita Ajudense

DE  
J. J. CAETANOCompleto sortido de Fanteiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravalaria  
Artilhos Escolares - Material electrico

GRANDES PECHINCHAS - OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde sêr adquirido gratuitamente :

**Pérola do Cruzeiro**

DE  
JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade  
Especialidade em chá e café—Vinhos finos, do Porto e de pasto  
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — A J U D A

**TRANSPORTES DO ALTINHO** A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

**Drogaria e Perfumaria**

DE  
ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes  
Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

147, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

**AGENCIA FUNERÁRIA**

DE  
António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

**ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>**



**PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA

**SALÃO AJUDENSE**

107, Calçada da Ajuda, 109

BARBEIRO E CABELEIREIRO

Service antiseptique "ellé Frères" • • Pessoal habilitado

António Ricardo de Carvalho

**José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)**

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

**Salão Memória**

DE  
FREDERICO DOS SANTOS

BARBEIRO E CABELEIREIRO DE SENHORAS

Cortes pelos ultimes figurinos, ondulações, pinturas, perfumarias, etc., etc.

T. da Memória, 11 — R. da Paz 10

tempos de abundância restava apenas... uma criada negra, a bôa Tereza, serva fiel de muitos anos e tão velha já como as senhoras a quem consagrava uma respeitosa adoração.

Pois esta mulher, que talvez algum negreiro tivesse em tempos arrancado ás florestas da Africa, e trazido para, em Portugal, trocar por miseros patacos, essa negra possuia um coração de ouro, capaz das maiores abnegações. Era ela que, de porta em porta, ia pedir, num gesto humilde e lágrimas nos olhos, a esmola para dar de comer ás suas meninas!

E todos os moradores da Ajuda, que conheciam a triste história, todos, até mesmo os de mais parcos haveres, num verdadeiro culto de admiração pela alma gentil da preta Teresa, não hesitavam em entregar-lhe as esmolas, que ela recolhia, bem dizendo reconhecida os generosos protectores.

Pobre negra! Um dia a morte levou-a, e as miseras senhoras, então completamente sós, vieram elas para as ruas a implorar a caridade nunca dementida dos moradores da Ajuda, que as acolhiam com a maior simpatia, até que, uma após outra, lá foram dormir o sono eterno perto da serva que lhes fôra amparo, e cuja dedicação tocava as raias do altruismo.

Alfredo Gameiro.

**PEROLA DA AJUDA**

DE  
JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres  
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros .... Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

**Avenida 24 de Julho**

O nosso modesto quinzenário saudando a memória gloriosa e inesquecível dos valorosos Soldados da Liberdade e do grande português que foi Nun'Alvares Pereira, faz votos muito sinceros para que a Camara Municipal de Lisboa não mude o nome á Avenida 24 de Julho, e dê a uma arteria importante o nome dêsse grande português a quem a Pátria tanto deve.

**Os bons vinhos da Região de Mafra:**

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

**RESINAS**

**AMÉRICO HEITOR DIAS**

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,  
onde serão atendidos com a máxima urgência

# MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira se'ecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE **João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97—LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

## Palavras necessárias

O pequeno jornal «O Comércio da Ajuda» adotou como programa «a defesa dos interesses da freguesia da Ajuda». Ora isto quer dizer, que os moradores da Ajuda têm neste jornal um defensor acérrimo dos seus direitos, das suas comodidades, do seu bem estar.

O empreendimento dos proprietários deste jornal, merece pois os mais rasgados elogios, já pela sua louvável intenção, já pelo enorme esforço que éle representa, e estamos plenamente convencidos de que os moradores desta freguesia lhes não regatearão.

A empresa a que meteram ombros António de Campos Aço e J. A. Silva Coelho, foi bastante arriscada e alguns contra-tempos lhes ha-de acarretar, mas estamos certos de que com elas muito tem a lucrar a freguesia da Ajuda.

Compete a todos os paroquianos emprestar a «O Comércio da Ajuda» o devido carinho, incitando assim os homens que actualmente o dirigem, a prosseguirem na sua bem-mérita obra, sem um unico desfalecimento.

Pela parte que nos toca, não recusaremos esse carinho, esse auxilio, tanto mais que, do actual director, recebemos já *uma intimação* para prestarmos o nosso concurso á obra que o jornal se propõe realizar. Mas, tão insignificante éle pode ser que, estivemos resolvidos a recusá-lo, receando dar-mos raia. Todavia a grande amizade que nos liga a António Gomes Rocha, não nos autorizou a levar por deante o nosso propósito.

Nestas circunstâncias, vamos procurar satisfazer os desejos do director de «O Comércio da Ajuda», contando de ante-mão com as suas indispensáveis indicações, as quais serão sempre bem aceites, visto que partem de um alto valôr que marca a dentro do jornalismo; contaremos também com a benevolência dos leitores porque a nossa colaboração para a qual nos falham os méritos por completo, tem simplesmente a recomendá-la, uma enorme boa vontade de contribuir quanto podermos, para o levantamento moral e material da freguesia da Ajuda.

São estas as palavras necessárias que, entendemos deverem anteceder á colaboração que António Gomes Rocha exige de nós.

Agostinho António

\*\*\*\*\*

## Aparas de cortiça

A pedido do Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa, informamos os nossos queridos leitores, que segundo comunicação da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, a firma de Liverpool «Brástich Corette Manufactures, Ltd.» se propõe importar de Portugal, grandes quantidades de cortiça, o que será de uma grande vantagem para o comércio e economia nacional.

## ATENÇÃO!

**FATOS**

fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 180\$00, com forros especiais, na oficina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JF.  
(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.º, D.

TELEFONE BELÉM 551

## DE TODO O MUNDO

(Compilação de ALEXANDRE SETTAS)

### Os dotes duma princeza

«A princêsa Mary, filha do rei Jorge V de Inglaterra, tem a seu favôr o que se chama o apoio da boa imprensa. Os jornais assinalam que se deve considerar a princêsa como uma senhora perfeita. Com effeito, é na verdade uma excelente dona de casa e tal como M.<sup>me</sup> Sévigne admiravel cosinheira; sabe coser, bordar, cantar, dançar e estenografar, pratica a equitação, toca musica e, enfim, sabe de bastantes coisas necessárias á vida».

(Do «La Presse Associé».)

*Evidentemente que decorrendo, para a realza, os tempos actuais pouco propicios á confiança a votar aos designios de reinos e impérios, a princêsa Mary, predisposta a adquirir conhecimentos úteis e a praticá-los mostra com isso imensamente prática, como aiiás o são os subditos de seu pai, para poder vir a suportar com melhor defesa as desilusões que a queda de um trôno sempre acarreta a quem se acolhe á sua sombra.*

### Porque se julga que o mentol determina na pele uma sensação de frio?

O mentol, de qualquer forma que se apresente, aplicado sobre a pele provoca uma sensação de frio tão vivo que pode ir até á anestesia local e suprimir momentaneamente a dôr. Contudo éle não resfria a pele.

A temperatura local, medida ao termómetro, não é diminuída com esta applicação. O que na realidade se dá é o fenómeno de os filetes nervosos dessa região tocada pelo producto se tornarem mais sensíveis ao frio do que estavam no seu estado normal. Em suma, o mentol hipertestesia os elementos nervosos pelo frio, inversamente ao ácido carbónico, que determina pelo mesmo mecanismo a sensação de calor.

(Do «Dimanche Illustré»)

*Conheci um individuo, hemiplégico, que foi observado por illustres clinicos afim de lhe diminuir o seu sofrimento que, para a ciência, era de veras curioso e interessante. Esse doente, ao contrair o estado mórbido em que se manteve durante anos, tinha a região direita do seu ser extraordinariamente sensível a ponto de não suportar sem incomodo, a grande distância mesmo, a passagem dum bloco de gelo ou a penetrar numa cosinha onde houvesse num ponto afastado um simples fogareiro acêso.*

*Em qualquer dos casos, tanto a sensação gélida como a tórrida só a notava do lado affectado, mantendo a parte oposta absolutamente normal.*

\*\*\*\*\*

## Saúde Pública

Tomamos a liberdade de lembrar aos nossos queridos leitores que, na época que atravessamos, só devem beber água que tenha sido fervida.

## Officina de Calçado

Travessa da Memória, 62 — LISBOA

Previne-se o público e os estimados freguezes que os preços actuais são os seguintes:

CALÇADO PARA HOMEM — Gaspeados, 43\$00; Pés novos, 42\$00; Solas, 22\$00; Meias solas e viras, 21\$00; Meias solas, 17\$00; Capas de saltos, 4\$50.

CALÇADO P.<sup>a</sup> SENHORA -- Gáspeas de vitela ou verniz, 29\$00; Solas, 16\$00; Meias solas, 12\$00; Capas de saltos, 2\$50.

**Salão Portugal****CINEMA SONORO**Emprezário **J. NICOLAU VERISSIMO****Travessa da Memória - Ajuda**

TELEFONE BELEM 124

**Sábado 16** ás 21 horas **Domingo 17**

Exibição do esplendoroso e interessante filme SONORO

**BEN-HUR**

com a interpretação do apreciado actor RAMON NOVARRO

**NO DOMINGO: Matinée ás 2 h. da tarde**  
com os excelentes filmes mudos**Vaqueiros de hoje - Lei dos Pampas**  
**O TIO DE CHICAGO**

**Dia 18: A VALSA DOS CORAÇÕES**  
**Dia 19: COM O FOGO NÃO SE BRINCA**  
**Dias 20 e 21: O MISTERIO DA CASA FORTE**  
**Dia 22: NOITES DE VENEZA**  
**Dias 23 e 24 { A SEVERA - PEQUENA PARADA FORCADOS DA NOITE**  
**Dias 25 e 26 { COW-BOY Á FORÇA SOMBRAS DA NOITE**  
**Dia 27: AMOR ROUBADO**  
**Dias 28 e 29: O CONGRESSO QUE DANÇA**  
**Dia 30: O REI DOS BORLISTAS**

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa

**NOTICIARIO DIVERSO****Curso nocturno, para analfabetos**

Comunicamos com grande prazer aos nossos queridos leitores, que a Universidade Livre, uma das mais simpáticas e patrióticas agremiações de Lisboa, a convite do Ajuda-Club, vai inaugurar muito brevemente um curso nocturno para analfabetos, que funcionará nas salas deste club, e ainda uma biblioteca popular, com muitos centenaes de livros úteis e bem necessários para a educação e instrução do nosso povo. Encontra-se aberta a matrícula do curso, que é gratuito.

Em 21 do corrente, pelas 21 horas, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João de Barros, ilustre membro da mesma Universidade Livre, realizará uma conferencia instrutiva nas salas do Ajuda-Club.

Felicitemos a Universidade Livre e o Ajuda-Club pela sua boa obra a favor da instrução, e o povo da nossa Freguesia por ver realizada uma sua antiga aspiração.

**Colaboração**

Dão-nos a honra da sua colaboração no nosso modesto quizenário o sr. Jorge das Neves Larcher, ilustre escritor e jornalista, de quem muito temos a esperar, dada a sua muita competencia e saber, e Agostinho António, dedicado jornalista que como poucos, saberá focar os assuntos mais importantes para o desenvolvimento do nosso burgo.

**Rio Sêco Sporting Club**

Esta simpática agremiação vai estar em festa dentro de poucos dias.

Com o titulo de Semana da Escola, vai realizar de 23 do corrente a 1 do próximo mês de Maio, um vasto programa de festas para comemorar a inauguração de uma Escola Primária organizada pela Comissão Pró-Escola e coadjuvada pela direcção do mesmo Club.

Do programa que é vastissimo, destacaremos dois belos espectáculos, bailes, conferencias pelo grande paladino da instrução sr. Alexandre Ferreira e pelo excelente amigo das Sociedades de Recreio e Instrução sr. Joaquim Marçal de Moura, desafios de foot-ball e basket-ball, largada de pombos e uma sessão solene para a qual estão convidados vários elementos officiais, várias sociedades e imprensa.

«O Comércio da Ajuda» agradecendo a honra do convite, felicita muito sinceramente o Rio Seco Sporting Club pela sua iniciativa patriótica, desejando-lhe muitas prosperidades.

**Ping-Pong**

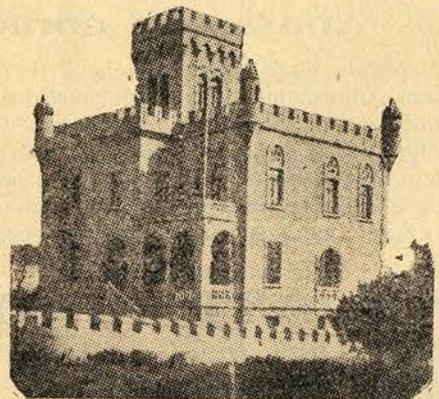
Efectuou-se hontem um desafio deste interessante jogo entre as equipas do Ajuda-Club e do União Lisboa, saindo aquela vencedora por 9 victorias a 0.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**A. F. Ramalho, L.<sup>da</sup>**

(Ex-empregado do notário Dr. Noronha Galvão)

**Compra, Venda e Administração de Propriedades**  
**Hipotecas e Trespases** **Recebimentos de Rendas**  
**Projectos, Orçamentos, Construções**  
**e tudo o mais que diga respeito á Construção Civil**  
**em todo o País**

**Escritório: RUA DOS FANQUEIROS, 65, 1.º, D.****TELEFONE 2 8730**